

# O princípio da incerteza

**Carlos Nogueira Fino**

(no Festival Literário da Madeira - 20 de março de 2015)

## Proposição:

Pedem-me que reflita sobre a afirmação de Álvaro de Campos, segundo a qual

*O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo.  
O que há é pouca gente para dar por isso.*

E eu devo dizer que, estabelecida a comparação, a comparação está feita e passou a ser fácil dar por ela. No entanto, para ter mesmo a certeza que a entendi bem, tentarei comprová-la.

## Demonstração:

É o que farei em voz alta.

1.

Em primeiro lugar, citemos Fernando Pessoa, a propósito da confiança que poderemos ter nos poetas:

*O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*

(primeira estrofe da Autopsicografia)

2.

Em segundo lugar, convenhamos que o Marquês de Rivière era um contrarrevolucionário. Ele acreditava, ou vivia como se acreditasse, que Louis XVIII ainda era rei por direito divino, *malgré la révolution*. E, pior do que isso, presumia a superioridade do gosto refinado dos franceses do seu século sobre os modos atávicos dos gregos otomanos. Portanto, nada de mais normal haveria, para ele, do que aproveitar a sua situação privilegiada de embaixador na Porta Sublime, para contrabandear a estátua desenterrada em Milo para a França. Por que motivo deveria ficar tamanha perfeição nas mãos de quem não a apreciaria?

3.

Em terceiro lugar, as proporções. O conceito de beleza da época ainda estava longe do cânone anoréxico destes dias.

4.

Já quanto ao binómio de Newton, devo declarar que a previsibilidade me desmotiva, mesmo quando o propósito é constatar a regularidade das coisas, e ensaiar a demonstração matemática dessa monotonia.

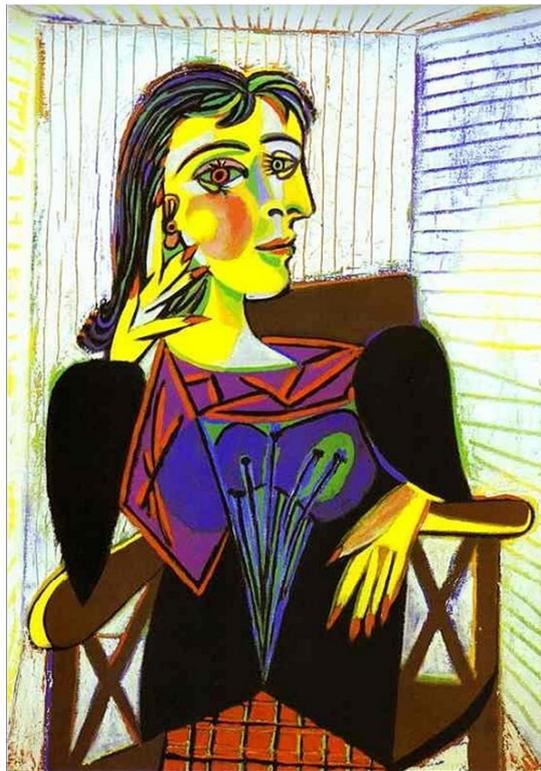
Você acredita mesmo que, se souber resolver todos os casos possíveis de  $(a+b)^n$ , nunca sofrerá de Alzheimer? Haverá algum polinómio que explique a delicada, risível e pungente leveza de um ataque de autocomiseração?

Além do mais, o binómio de Newton assombrou o meu exame de matemática do sétimo ano, que teria sido, sem ele, um exemplo de perfeição. Por causa da sua racionalidade e do meu avesso à mesmice tive de suar na oral para tirar catorze. Ou seja, é por estas e por outras que me convenci de que a matemática talvez não seja tão exata como a pintam: a exatidão não deveria consentir, por definição, segunda oportunidade.

5.

Em quinto lugar, a beleza.

Comparemos o perfil da deusa com o perfil de uma tal Dora Maar, retratada em 1937, quando ainda era amada por Picasso. E esqueçamo-nos dos seus retratos seguintes, em que as pinceladas parecem cicatrizes. Recordemo-la neste, sentada na cadeira, ainda intacta, mirada de dois ângulos, os dedos da mão direita aflorando o contorno da face, a mão esquerda suspensa pelo pulso, qual ave repousada. Abençoada Dora, cujo exílio do coração do pintor só sobreveio depois deste milagre. Assim, permaneceu eterna no retrato, que (por enquanto) nenhum cidadão grego otomano contrabandeou para a Grécia, para reequilibrar a balança da História.



Quem seria a mais bela, ela ou Afrodite? Será que as deusas também dependerão de ser amadas para se manterem belas por toda a eternidade?

6.

Eu não sei grande coisa sobre binómios, polinómios, equações, princípios matemáticos. Talvez por isso me sinta autorizado a ordenar tais abstratas entidades pelo teor de beleza que intuo existir no que descrevem. Qual será mais atraente? A que verifica o que é verificável, ou a que me levaria até ao fim do mundo apenas para indagar e, mesmo assim, sem qualquer garantia de achar uma resposta? Por mim, colocaria em primeiro lugar, muito acima de qualquer controvérsia, a que me desencaminhasse. Escolheria, assim pelo nome, o princípio da incerteza (de Heisenberg), apenas pela incerteza, sem a qual o mundo seria, na minha perspetiva, mais enfadonho que uma tarde imensa e suburbana de domingo, e uma fila de carros regressando a penates a trinta quilómetros por hora.

Não é que saiba sequer enunciar esse princípio. Sei apenas que o gato de Schrödinger, por causa da incerteza, está vivo e está morto, pelo menos enquanto a caixa não se abrir (queiram os deuses que tal nunca aconteça) e o mistério não morrer de morte súbita.

7.

Bica, a minha gata, viveu sempre fora da caixa e era orgulhosamente bela. Se estivesse lá dentro, ainda me restaria cinquenta por cento de certeza de voltar a sentir a sua autoritária presença no meu colo, em vez de só imaginar que ainda a vejo por aí, furtiva, nas esquinas do olhar, ao lusco-fusco, quando tudo lateja.

8.

Outra coisa é saber se a beleza é divina. Se o fosse, como muitos acreditam, as sereias seriam pavorosas e o seu canto seria um calafrio. E qualquer tentação era medonha. Em oposição, todas as mulheres do mundo poderiam mostrar o rosto em público sem temer um banho de ácido.

9.

Mas nada impediria o canto das sereias. E ninguém seria maior que o deus que invocasse, nomeadamente imaginando-o à sua semelhança.

10.

E nenhum deus tentaria extirpar a beleza, armando até aos dentes os zelotas que envia contra ela.

### **Conclusão:**

O que eu queria mesmo era verificar se o retrato de Dora Maar, pintado por Picasso em 1937, é tão enganador e tão belo como o princípio da incerteza (de Heisenberg). E se ambos são tão belos como a Vénus de Milo. Para que toda a gente soubesse disso e eu fosse autorizado a terminar com um sonoro *Quod erat demonstrandum*.

Mas, por falta de rigor na demonstração, deixei que as palavras me trouxessem, guiadas por elas próprias, à porta deste teorema:

**O quadrado da força bruta, elevado à crueldade máxima, é sempre maior que a raiz esventrada da beleza absoluta.**

carlos noqueira fino  
Festival Literário da Madeira  
20 de março de 2015